



PERCEPÇÃO DE ADOLESCENTES ACERCA DA ATIVIDADE DE VIDA CUIDAR DA HIGIENE PESSOAL E SE VESTIR

PERCEPTION OF ADOLESCENTS ABOUT THE ACTIVITY OF LIFE CARE OF PERSONAL HYGIENE AND DRESSING UP

PERCEPCIÓN DE ADOLESCENTES ACERCA DE LA ACTIVIDAD DE VIDA CUIDAR DE LA HIGIENE PERSONAL Y VESTIRSE

Eveline Pinheiro Beserra¹, Leilane Barbosa Sousa², Maria Dalva Santos Alves³, Fabiane Amaral Gubert⁴

RESUMO

Objetivo: conhecer a percepção de adolescentes acerca da atividade de vida cuidar da higiene pessoal e se vestir. **Método:** pesquisa-ação, de abordagem qualitativa, desenvolvida em uma escola localizada na periferia de Fortaleza/CE, Brasil. Foram selecionados 25 adolescentes que participaram de uma oficina educativa, abordando a atividade de vida higiene pessoal e se vestir. Para a análise dos dados, foram utilizadas as práticas discursivas. **Resultados:** evidenciaram o significado do vestuário pelos meninos e o uso de roupas curtas para festas e discretas para ambientes formais pelas meninas. Os participantes relataram a importância da higiene corporal, incluindo lavagem das mãos. A saúde bucal foi interpretada como forma importante de relacionamento com os pares. **Conclusão:** a enfermagem deve sempre redescobrir o adolescente, adentrar em seu mundo numa tentativa de por meio do conhecimento buscar um cuidado mais direcionado. Os elementos próprio do cuidar exigem metodologias que busquem identificar as vulnerabilidades, sendo o meio dialógico uma maneira possível. **Descritores:** Adolescente; Educação em Saúde; Modelos de Enfermagem.

ABSTRACT

Objective: to know the perception of adolescents about the life activity to take care of personal hygiene and to dress up. **Method:** action research with a qualitative approach, developed in a school located in the outskirts of Fortaleza/CE, Brazil. There were 25 adolescents selected who participated in an educational workshop, addressing the activity of personal hygiene and dressing up. Discursive practices were used to analyze the data. **Results:** the meaning of boys' clothing and the use of short clothes for party and discrete clothes for formal environments by girls were evidenced. Participants reported on the importance of body hygiene, including hand washing. Oral health was interpreted as an important form of relationship with peers. **Conclusion:** Nursing must always rediscover the adolescent, entering his world in an attempt to seek a more directed care through the knowledge. The elements of caring require methodologies that identify vulnerabilities, and the dialogical is a possible way. **Descriptors:** Adolescent; Health Education; Nursing Models.

RESUMEN

Objetivo: conocer la percepción de adolescentes acerca de la actividad de vida cuidar de la higiene personal y vestirse. **Método:** investigación-acción, de enfoque cualitativo, desarrollada en una escuela localizada en la periferia de Fortaleza/CE, Brasil. Fueron seleccionados 25 adolescentes que participaron de un taller educativo, enfocando la actividad de vida higiene personal y vestirse. Para el análisis de los datos fueron utilizadas las prácticas discursivas. **Resultados:** se evidenciaron significado del vestuario por los niños y el uso de ropas cortas para fiestas y discretas para ambientes formales por las niñas. los participantes relataron la importancia de la higiene corporal, incluyendo lavado de las manos. La salud bucal fue interpretada como forma importante de relacionamiento con los pares. **Conclusión:** la enfermería debe siempre redescubrir el adolescente, entrar en su mundo en una tentativa de por medio del conocimiento buscar un cuidado más direccionado. Los elementos propios de cuidar exigen metodologías que alcance identificar las vulnerabilidades, siendo el medio dialógico una manera posible. **Descriptores:** Adolescente; Educación en Salud; Modelos de Enfermería.

¹Enfermeira, Professora Doutora em Enfermagem, Universidade de Fortaleza/UNIFOR. Fortaleza (CE), Brasil. E-mail: eve_pinheiro@yahoo.com.br; ²Enfermeira, Professora Doutora em Enfermagem, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afrobrasileira. Redenção (CE), Brasil. E-mail: leilane@unilab.edu.br; ³Enfermeira, Professoras Doutoradas em Enfermagem, Universidade Federal do Ceará/UFCE. Fortaleza (CE), Brasil. E-mails: dalvaalves06@uol.com.br; fabianegubert@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A sociedade preocupa-se com medidas que proporcionem maior suporte ao bem-estar do adolescente, sendo necessário explorar o meio no qual eles vivem para elaborar estratégias coerentes com sua realidade. O adolescente – ator das relações sociais e materiais, compreendido como um sujeito externo à sua dimensão psicológica, reveladora de aspectos relativos à sua subjetividade, mas com dimensões que demonstram um mesmo movimento produtivo – vive um período marcado por edificações de comportamento.¹

Quando o adolescente começa a fazer suas escolhas, muitas vezes são motivadas pela família, pares ou sociedade, ou até mesmo a junção dessa trilogia. Pensar em sua forma de comunicação, vestir-se, alimentar-se para é reportar-se para sua realidade, seu contexto, suas atividades de vida. E essas atividades precisam ser conhecidas para se delinear estratégias de saúde eficazes.

A atividade de vida cuidar da higiene pessoal e vestir-se envolve questões complexas, tais como cultura e sexualidade, que, por sua vez, estão intrinsecamente relacionadas com a saúde e bem-estar do adolescente. Estudos necessitam ser direcionados a conhecer e a intervir nessa atividade de vida destacando variações de comportamento, relações sociais e problemas de condutas, para analisar fatores de riscos que os jovens desenvolvem.²

Evidencia-se também que ações que visem proporcionar a reflexão aos adolescentes precisam contextualizar as redes sociais, como escolas e comunidades, conotando num meio que diretamente afeta suas atitudes e comportamentos.³ Logo, conhecer o adolescente é primordial para qualquer ação de intervenção.

Diante do exposto, o objetivo desse estudo é conhecer a percepção de adolescentes acerca da atividade de vida cuidar da higiene pessoal e se vestir.

MÉTODO

Pesquisa-ação, de abordagem qualitativa⁴, realizada em uma escola situada no bairro Pirambu, em Fortaleza-Ceará, Brasil. Este bairro possui alto índice de criminalidade e uso de drogas. A escolha dos participantes se deu pelos seguintes critérios de inclusão: estudar à noite, não ser beneficiado com as ações de Promoção da Saúde pela Estratégia da Saúde da Família e possuir entre 10 e 19 anos de idade (faixa etária definida pelo Ministério da Saúde como pertinente à

adolescência). Assim, foram selecionados 25 participantes, os quais possuíam entre 15 e 18 anos.

Os 25 adolescentes que participaram desse estudo encontravam-se na modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos (EJA). O período de pesquisa foi abril até junho de 2011.

As atividades tiveram como referencial teórico o Modelo de Vida. Importante destacar que o Modelo de vida é composto por 12 atividades, a saber: 1) Manter um ambiente seguro; 2) Comunicar; 3) Respirar; 4) Comer e beber; 5) Eliminar; 6) Cuidar da higiene pessoal e vestir-se; 7) Controlar a temperatura do corpo; 8) Mobilizar-se; 9) Trabalhar e distrair-se; 10) Expressar sexualidade; 11) Dormir; e 12) Morrer.

No presente artigo, devido a sua extensão, optou-se por expor os resultados que contemplam a atividade de vida cuidar da higiene pessoal e vestir-se. Esta atividade descreve aspectos culturais, estrutura física de instalações, desenvolvimento biológico, fator psicológico em executar essa atividade de vida e o conhecimento sobre higiene pessoal.⁵ Contudo, na oficina trabalhada no estudo, focalizou-se a percepção de higiene corporal e vestir-se. Durante a oficina, foram utilizados vídeos que desencadeassem discussão.

Para a análise dos dados, foram utilizadas as práticas discursivas.⁶ Foram respeitados os aspectos legais e éticos que envolvem pesquisas com seres humanos, conforme a Resolução nº 196/96, do Conselho Nacional de Saúde. Todos os responsáveis como os adolescentes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O estudo foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará e foi aprovado em reunião no dia 14 de março de 2011, cujo protocolo recebeu o número 038/11. Para manter o anonimato dos adolescentes, nomeou-se Maria e uma letra para as meninas e José e uma letra para os meninos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nessa oficina educativa abordaram-se hábitos de higiene, tais como cuidado com o corpo e com os dentes, também se estendendo à lavagem das mãos. O vestir-se reflete muito o contexto no qual o jovem se insere, bem como delimita parâmetros para o exercício de sua sexualidade. O primeiro vídeo utilizado abordava a higiene das mãos. Esse vídeo foi desenvolvido pelo Ministério da Saúde na campanha contra a *Influenza A*

Beserra EP, Sousa LB, Alves MDS et al.

(H1N1). Envolveria a necessidade de higienizar as mãos em lugares públicos, após alguma ação, antes de comer, até mesmo antes e após o manuseio de olhos e nariz. Esse vídeo problematizante, porém, se estendeu para a discussão da higiene corporal.

A reflexão envolveu também as patologias de contato direto, havendo a discussão de situações corriqueiras, como ao sentar em algum lugar onde uma pessoa sentou anteriormente com uma infecção de contato; porém a finalidade era levá-los a ter responsabilidade no cuidado com seu corpo.

Na tentativa de ampliar o conceito de cuidados fundamentais em Enfermagem, as pesquisas devem buscar desvelar as representações sociais do corpo e os cuidados indicados pelos próprios sujeitos para assim a enfermagem contextualizar suas ações de acordo com que a população quer.⁷ Assim, instigou-se sobre a prática de higiene corporal na visão dos jovens estudados. As percepções destes foram as seguintes:

Prevenir doença bacteriana. (José E)

Antes sempre da gente fazer alguma coisa devemos lavar as mãos, principalmente na cozinha. (Maria G)

Quando tomo banho sinto preguiça. (José B)

Eu me sentindo aliviada porque estar limpa. (Maria I)

São perceptíveis nas falas essa prática na prevenção de doenças e práticas domésticas. Houve também a sensação de que a limpeza pode trazer, como relatado por Maria I, “*aliviada por estar limpa*”, e a sensação de relaxamento percebida como preguiça.

Para o adolescente, a higiene corporal deve ser atentamente trabalhada pelas mudanças ocorridas na puberdade e mediadas para o compromisso de ter cuidado com o corpo no exercício de sua sexualidade.

Dando continuidade à oficina, iniciou-se um diálogo sobre o vestuário do adolescente. Suas escolhas de vestuário inclinam-se ao grupo no qual eles se relacionam para ocorrer a aceitação deste ou pela tendência do que está sendo usado exposto pela mídia. A reflexão dessa oficina foi baseada na afirmação de que a forma de se vestir contextualiza a sexualidade do jovem, bem como exprime uma comunicação não verbal. Na introdução desse tema, questionou-se acerca de como se vestem os adolescentes. Desvelaram-se os seguintes pensamentos:

Uns vestem calça, outros short. (Maria G)

[...]“calcinhas” (tom de brincadeira). (José D)

Sem calcinha que as meninas não vão sair, mas tem umas que até saem. (Maria I)

Percepção de adolescentes acerca da atividade de vida...

[...] as meninas mais vestem short jeans e camisetas. (José E)

Os meninos gostam mais de vestir calça, blusa de marca. Eles dão maior valor. Tem uns que gostam de usar sandália de marca. (Maria I)

Na sociedade contemporânea, caracterizada pela aceleração, velocidade, consumo, satisfação imediata dos desejos, proporciona mudança de comportamento em geral dos indivíduos⁸. Assim, os jovens são estimulados a modelos estereotipados de consumo, reunindo valor a objetos caros e com marca conhecida no mercado. Nos diálogos, ocorreram brincadeiras entre si como a que ocorreu entre José D e Maria I. Isso demonstra que eles estavam à vontade para serem participativos nos grupos e abertos à relação interpessoal.

Diante do comentário de Maria I, os meninos se constrangiam, pois, no grupo, havia dois que estavam vestidos e calçados com as marcas ditas pela jovem.

Nessa oficina, identificou-se a percepção dos adolescentes sobre a relação de gênero, haja vista as repercussões significativas nas vivências e nos sentidos a elas atribuídos pelos adolescentes, mostrando as vulnerabilidades diferenciadas que meninos e meninas estão expostos. A adolescência é um tempo de divertir-se, aproveitar a vida e preparar-se para o futuro, mesclando-se as queixas pelos riscos vivenciados e pelas restrições impostas e caracterizações próprias⁹.

Sobre o vestuário do grupo, veja-se a seguinte narrativa:

[...] as meninas gostam de marca, mas não como os rapazes... gostam, mas já é “maneirado”. Os rapazes não, tudo tem que ser de marca, cada marca melhor, eles estão avançando. Eles querem se amostrar. (Maria I)

Ao perguntar sobre a escolha dos meninos no vestir-se, tendo como base a afirmativa de Maria I, percebeu-se que muitos não sabem expor os motivos pelos quais fazem essas escolhas. Portanto, observam-se as vulnerabilidades do jovem na tomada de decisão, pois, numa situação simples como essa, nota-se que suas motivações muitas vezes são baseadas em modelos estereotipados.

Inseriu-se no diálogo a associação sexualidade e vestuário. Atualmente, observa-se que as jovens vestem-se de forma a marcar o corpo, sendo essa expressão um jeito de caracterizar um objeto de conquista.¹⁰ Esse momento foi mediado pelo questionamento: a roupa exprime a sexualidade da pessoa? Seguem os seguintes comentários:

Beserra EP, Sousa LB, Alves MDS et al.

Sim, porque tem pessoa que veste roupa e já está se mostrando. Querendo mostrar o jeito dela. (Maria D)

Às vezes sim, às vezes não, tem muitas meninas que gostam de vestir roupa assim curta. Aí a pessoa vai e fala: “a tua roupa é curta”. Aí essa pessoa diz assim: “o que é bonito é para se mostrar”... mas não [...]. (Maria G)

Tem pessoas que veste a roupa curta, aí a pessoa malda logo, mas não é não, às vezes é o gosto da pessoa. Assim como os meninos gostam de marca, as meninas é muito difícil uma que não usa roupa curta, a maioria gosta de roupa curta. As pessoas maldam logo, eu já vi: “olha ali é uma puta com o short bem curtim”. Aí vê uma mulher com a saia comprida diz: “Olha aí a crente”. (Maria I)

[...] quando vê blusa de marca aí diz que lá se vai um vagabundo, vai bem roubar lá na frente... e usando boné aí que é vagabundo mesmo. (Maria I)

Nas falas, observa-se como se destaca o vestuário feminino de maneira curta e provocativa. A decisão acerca do modo de se vestir é tipicamente feminino, sendo possível que as meninas tenham respondido que as roupas sejam importantes para seduzir os meninos, porém é característica da adolescência a valorização das roupas por ambos gêneros.¹¹

Vestimenta é uma preocupação pessoal, sendo que o resultado final observado e expressado pelos outros pela linguagem não verbal que retrata; já na manutenção da temperatura corporal, o homem não tem consciência dela a maior parte do tempo, pois é controlada pelo centro de regulação no cérebro, contudo, ele pode se agasalhar ou se refrescar para melhorar o desconforto térmico.⁵ Logo, na entrevista, as duas atividades de vida descritas estão unidas pela inter-relação, explorando práticas de higiene e vestuário. Essa atividade de vida do jovem envolve também a expressão de sua sexualidade e a prática de comportamentos que os situam em vulnerabilidades, até mesmo em razão de a idade ser um item importante de ser considerado.

Os jovens pesquisados afirmam sempre tomar banho devido ao calor e realizar práticas de higiene bucal. Com relação ao vestuário, afirmam gostar de usar camiseta, bermudas, chinelo e roupas de marca - os meninos, embora haja essa incongruência no seu discurso:

Gosto de marca, social, não me visto como vagabundo. Vagabundo se veste de marca. (José G)

Refletir sobre a valorização do corpo foi o alicerce para essa oficina, pois a banalização

Percepção de adolescentes acerca da atividade de vida...

de se vestir deixa os adolescentes presos ao que há de mais superficial nas relações interpessoais, sendo necessário instigar nesses jovens o conhecimento de si para o estabelecimento de relações profundas.

Outro item apresentado pelos jovens é a comunicação não verbal emitida pelo vestuário, principalmente para conceitos estereotipados. Nesse âmbito, a representação é uma forma de se interpretar o social, de caracterizar o cotidiano, sendo um meio que o jovem exprime dos códigos, valores e ideologias ligadas ao social.¹

[...] o que você veste é o que o pessoal lhe acusa de ser. Por exemplo: as meninas chegarem com um short bem curtinho é vagabunda, “pirangeira”. Se usar short de um palmo meu é “pirangeira”. Se for menor é garota de programa”. (José E)

Se o garoto tiver de calção e sandália de marca é “pirangeiro”. (Maria D)

Se tiver de boné, short e blusa de marca é vagabundo e vai já roubar ali. (Maria E)

Pirangueiro são pessoas que só gostam de coisa errada, fazer chafurdo, dá valor a baderna e barulho. (Maria I)

Gostam de usar droga. (Maria G)

É importante considerar o universo vocabular dos participantes da pesquisa, pois desvenda a percepção particular sobre os eventos e também expressões próprias que ocorrem em seu cotidiano. As falas permitiram expressar que os jovens mantêm conceitos sobre a vestimenta, bem como caracterizam o comportamento de outros jovens. Eles fazem julgamento de condutas, logo o adolescente deve ser visto como responsável por seus atos e decisões.

Sobre o julgamento do vestuário em diferentes situações, observaram-se as seguintes narrativas:

Por exemplo: na igreja as mulheres gostam de usar a saia abaixo do joelho, vestido longo; agora esses canto de forró a mulher quer usar roupa curtinha, coladinha, saia, shortinho. (Maria G)

Nesse estilo, baile, forró, não vão de roupa grande porque se for com roupa grande o povo vão dizer que é matuto, aí essa ia estar de roupa bem curtinha. Só o filé. Vão chamar ela para dançar...mas se for de roupa grande o povo sai é correndo com medo. É uma realidade. Se a pessoa vai para um forró já tem uma roupa já para ir. Funk raramente os rapazes vão de roupa de marca, estilo vagabundo, boné e as meninas vão do jeito que eu disse, estilo “pirangeira”, shortinho bem curtinho, sainha bem curtinha, camiseta. (Maria I)

A “pirangeira” coloca uma saia curtinha de veludo, camiseta de marca e sandália de marca que é igual a dos meninos. (Maria D)

Beserra EP, Sousa LB, Alves MDS et al.

As investigações que promovem educação em saúde devem sempre permitir a identificação do contexto cultural do grupo pesquisado.¹² Evidencia-se um conceito particular de uma palavra, “pirangueiro”, que contextualiza uma série de ações que caracterizam vulnerabilidade para o adolescente.

Os moldes rígidos de aceitação social para o jovem vêm contextualizar forma de vestir-se e relacionar-se dos jovens, de acordo com a contemporaneidade. A juventude vive uma prisão de estereótipos que afirmam como certo e que deverão ser seguidos para não se sentirem excluídos e não aceitos. Nas vivências sociais, percebe-se que a adolescente que se envolve pela ação de seduzir se baseia em comportamentos ditos como verdades para eles. Importante é considerar que os julgamentos são processos internos, mas com uma forte influência dos aspectos culturais e sociais referentes ao “modelo” dito na sociedade, nas vivências, como na mídia, além das características do gênero de cada cultura.¹

As vivências dos adolescentes ditam muito sua percepção sobre a interpretação de terceiros diante do comportamento dos adolescentes. Ante uma situação hipotética de duas adolescentes com o mesmo vestuário, contudo, uma mais reservada e outra expansiva, evidenciaram-se as narrativas:

[...] vai dizer que é uma é quieta e a outra é danada, uma é de folia e a outra não é. (Maria G)

Vai dizer que uma é rapariga e outra é mais calma... se for um lugar de folia e uma estiver sentava vai dizer que não gosta, prefere ficar no canto dela. (Maria D)

Vamos colocar duas colegas, uma que já é acostumada sair outra não. Uma já é acostumada vestir roupa curta que para todo canto tem uma roupa para ir. Se eu for para um funk eu vou de short e se eu for para igreja eu vou de saia longa. Se eu disser para uma amiga da igreja apara ir comigo no baile funk ela vai querer ir com a saia bem grandona, aí eu vou dizer para ela ir de short. Como eu sou acostumada eu vou começar a dançar ela vai primeiro observar para depois ela fazer da mesma forma. (Maria I)

Ela não vai chamar tanta atenção como se estivesse de shortinho, coloca duas pessoas uma de shortinho e outra de calça a de shortinho vai chamar a atenção. Ela só cobre o principal o resto fica todo de fora. (José E)

Uma grande característica da adolescência é a relação dos pares e a forte influência que essa relação tem de direcionar e inferir no comportamento do jovem. Importante é

Percepção de adolescentes acerca da atividade de vida...

considerar o fato de que os adolescentes associam-se a grupos, compartilhando seus valores, atitudes e comportamentos.⁹ O comentário de Maria I está em consonância com a afirmação dos autores, pois retrata de forma clara a influência do comportamento da amiga na atitude da outra.

Dando sequência à oficina, dialogou-se sobre higiene bucal. Novamente, utilizou-se um vídeo problematizante, que explanava a higienização bucal e a consequência da falta de higiene para a saúde bucal. Os adolescentes, em sua maioria, reconhecem a cárie como doença e já passaram pela experiência.¹³ Consideram, no entanto, um problema comum. Por conseguinte, a negligência pessoal muitas vezes é a causa dos problemas bucais entre os adolescentes.

Dos adolescentes estudados, alguns possuíam dentes visivelmente comprometidos e todos não tinham hábitos de frequentar o dentista de modo preventivo. Após o vídeo, emergiram os seguintes comentários:

Saúde bucal também faz parte da higiene. (Maria G)

Já que a gente toma banho fica bem cheirosinho, os dentes também têm que ficar. (José B)

Aconteceu uma vez com um amigo meu que foi ficar com uma menina muito linda, muito linda, ele disse que pensou assim: “é a princesa, a rainha que vem ali”. Conversou com ela distante. Quando foi ficar com ela, aí ela falou perto dele. A boca podre. Aí ele disse: “você não sabe o que é pasta e escova não?”. (Maria I).

Deu para perceber que ela estava toda calada por fora, quando ela mostrou os dentes eram amarelos, podre. Era uma princesa, mas que pena. Não existe bom sem defeito. Sempre um bom tem defeito. (Maria A)

Mas o mau hálito não é só na boca, pode ser garganta ou de outra coisa. (José E)

Pelas falas, é fácil notar a importância da saúde bucal na aparência pessoal, na sexualidade e na saúde geral; contudo, destacou-se o relacionamento aos pares até mesmo em razão desse tema na adolescência ser mais presente.

Na relação entre a Educação em Saúde e a Enfermagem no contexto da saúde bucal, é necessário conhecer as motivações dos adolescentes para planejar intervenções educativas que despertem o interesse, deixando-os mais envolvidos, permitindo, assim, compreender seu universo.¹⁴ Importante é instigá-los e levá-los a refletir que “O jovem tem que se cuidar mais”. (José E)

Beserra EP, Sousa LB, Alves MDS et al.

No final da oficina, houve o momento avaliativo. Neste, os adolescentes expressaram os seguintes pensamentos:

Eu aprendi que é muito importante a pessoa ter higiene não só corpo, mais sim por completo. Não deixe de ter higiene por si próprio. Cuide-se. (José B)

Eu aprendi que nós temos que cuidar da gente. Eu aprendi que nós tem que se vestir do jeito que a gente quer. (Maria C)

Eu aprendi que a higiene bucal é sempre importante e quando devemos sempre lavar as mãos (José F).

Aprendi que ir uma vez por ano ao dentista vai fazer muito bem a minha boca e vestir-se adequadamente a cada lugar que eu frequentar. (José I)

A saúde bucal é muito importante, tem que escovar os dentes diariamente para prevenir cáries e mal hálito e sempre lavar as mãos para prevenir doenças. (Maria D)

Eu aprendi sobre a limpeza do corpo. (José E)

A saúde é muito importante e o sorriso. (Maria G)

A higiene é muito importante e que o povo de hoje não quer pessoa sem higiene. (Maria E)

Os adolescentes relataram sobre a importância da higiene corporal, incluindo prática da lavagem das mãos. Refletiram sobre o autocuidado como responsabilidade particular e escolha do vestuário, pois emitem a comunicação não verbal. E, por fim, a saúde bucal, embora discutida como um hábito, foi também interpretada como uma boa forma de relacionamento com os pares. Verificou-se, diante disso, que a estratégia grupal por meio de oficina constitui importante ferramenta educativa¹⁵. Logo, é inquestionável a necessidade de o enfermeiro executar atividades educativas com adolescentes a partir da compreensão do contexto cultural em que estes estão inseridos¹⁶.

CONCLUSÃO

A enfermagem deve sempre redescobrir o adolescente, adentrar em seu mundo numa tentativa de por meio do conhecimento buscar um cuidado mais direcionado. Os elementos próprios do cuidar exigem metodologias que alcance identificar as vulnerabilidades, sendo o meio dialógico uma maneira possível. O uso do Modelo de atividades de vida favoreceu a mediação da oficina e os vídeos suscitaram a discussão.

O espaço da saúde do adolescente nunca será esgotado, pois ele vai modificando junto a sociedade. A visibilidade de roupas de marcas pelos meninos e a afirmação das meninas sobre o uso de roupas curtas e outras

Percepção de adolescentes acerca da atividade de vida...

“comportadas” elencam o contexto cultural em que estão inseridos, contudo, é papel do enfermeiro exercer ações de intervenção diante das vulnerabilidades dos adolescentes, baseadas na compreensão cultural em que vivem.

REFERENCIAS

1. Vieira SR, Rosenberg CP. A integralidade numa rede de proteção social ao adolescente: uma reflexão a partir do pensamento de Giles Lipovetsky. Saude Soc [Internet]. 2010 [cited 2016 Nov 13];19(1):127-134. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902010000100010&lng=en&nrm=iso. ISSN 0104-1290. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902010000100010>.
2. Karen G, Chartier MN, Hesselbrock VMH. Development and vulnerability factors in adolescent alcohol use review article. Child Adolesc. Psychiatr Clin N Am [Internet]. 2010 [cited 2016 Nov 13];19(3):493-94. Available from: [http://www.childpsych.theclinics.com/article/S1056-4993\(10\)00020-9/abstract?cc=y](http://www.childpsych.theclinics.com/article/S1056-4993(10)00020-9/abstract?cc=y)
3. Berg M, Coman E, Schensul JJ. Youth Action Research for prevention: a multi-level intervention designed to increase efficacy and empowerment among urban youth. Am J Community Psychol. [Internet] 2009 [cited 2016 Nov 13];43(3):345-59. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19387823>
4. Franco MAS. Pedagogia da pesquisa-ação. Educação e Pesquisa [Internet]. 2005 [cited 2016 Nov 13];31(3): 483-502. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a11v31n3.pdf>
5. Roper N, Logan W, Tierney AJ. O modelo de enfermagem: baseado nas atividades de vida diária. Lisboa: Climepsi; 2001.
6. Grittem L, Meier MJ, Zagonel IPS. Pesquisa-ação: uma alternativa metodológica para pesquisa em enfermagem. Texto contexto Enferm [Internet]. 2008 [cited 2016 Nov 13];17(4):765-70. Available from: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71411240018>
7. Gutierrez DMD, Minayo MCS. Produção de conhecimento sobre cuidados da saúde no âmbito da família. Ciênc saúde coletiva [Internet]. 2010 [cited 2016 Nov 13];15(suppl.1):1497-508. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232010000700062
8. Wickman ME, Anderso NNLR, Greenberg CS. The Adolescent Perception of Invincibility and Its Influence on teen acceptance of health promotion strategies. J Pediatr Nurs

Beserra EP, Sousa LB, Alves MDS et al.

Percepção de adolescentes acerca da atividade de vida...

[Internet]. 2008 [cited 2016 Nov 13];23(6):460-68. Available from: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0882596308001206>

m/index.php/revista/article/view/2561/pdf_1059

9. Kliegman RM, Jenson HB, Behrman RE, Stanton BF. Tratado de pediatria. Rio de Janeiro: Elsevier; 2009.

10. Ministério da Saúde. Linha de cuidado para a atenção integral à saúde de crianças, adolescentes e suas famílias em situação de violências: orientação para gestores e profissionais de saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 2010.

11. Cassepp-Borges V. Identificação dos adolescentes de hoje com a personagem de cinderela. Bol. Psicol [Internet]. 2007 [cited 2016 Nov 13];57(127):239-54. Available from: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432007000200009

12. Beserra EP, Alves M, Rigotto M. Adolescents' perception on environmental health: research-action in school space. Online Braz. J Nurs North Am [Internet]. 2010 [cited 2016 Nov 13];9(1):83. Available from: <http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/2740>

13. Matos MS, Monteiro LS, Bomfim RT, Matos RS. Hábitos de higiene bucal e dieta de adolescentes de escolas públicas e privadas em Salvador, Bahia. R bras ci Saúde [Internet]. 2009 [cited 2016 Nov 13];13(2):7-14. Available from: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rbcs/article/view/4922/4460>

14. Elias MS, Cano MAT, Mestriner Junior W, Ferriani MGC. A importância da saúde bucal para adolescentes de diferentes estratos sociais do município de Ribeirão Preto. Rev. Latino-Am. Enfermagem [Internet]. 2001 [cited 2016 Nov 13];9(1):88-95. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692001000100013

15. Fonseca RMGS, Amaral MA. Reinterpretação da potencialidade das oficinas de [trabalho](#) crítico-emancipatórias. Rev bras enferm [Internet]. 2012 [cited 2016 Nov 13];65(5):780-87. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672012000500010&script=sci_abstract&tlng=pt

16. Silva ÍR, Sousa FGM de, Nogueira ALA, Barbosa DC, Silva TP, Castro LB. Adolescence, family and groups of equals: the discourse of the adolescents and the implications for nursing. J Nurs UFPE on line [Internet]. 2012 [cited 2016 Nov 13];6(5):1148-55. Available from: <http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermage>

Submissão: 09/09/2015
Aceito: 20/10/2016
Publicado: 15/11/2016

Correspondência

Eveline Pinheiro Beserra
Rua Álvaro Fernandes, 891
Bairro Montese
CEP 60420-570 – Fortaleza (CE), Brasil